

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 30 DE JANEIRO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II-N. 57.

REDAÇÃO E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, N. 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

## SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias.....	V. MAGALHÃES.
O nosso 1º anniversario.....	
Bolões.....	F. D'ALMEIDA.
Faça de vinho.....	L. MURAT.
Invectivas.....	J. F. PESTANA.
A vida elegante.....	LORGNON.
Flores de Java.....	?
O Caipora.....	GALPI.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Depois de vel-a.....	A. MENDES.
Theatros.....	P. TALMA.
Paginas esquecidas.O Re- belde.....	L. DE MENDONÇA.
Factos e Noticias.....	
Receitas culinarias.....	CABRION.
Tratos á bola.....	Z.
Recebemos.....	
Anuncios.....	

## EXPEDIENTE

### GERENTE

F. D'ALMEIDA

### SECRETARIO

ARTHUR MENDES

## ASSIGNATURAS

### CÓRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

### PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

Os senhores que tomarem uma assignatura d'A *Semana* por todo o anno de 1886 terão direito a um dos seguintes premios, á sua escolha:

VINTE CONTOS, por VALENTIM MAGALHÃES.—Este livro, que se está imprimindo nas officinas d'A *Semana*, foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. Conterá mais de duzentas paginas em superior papel, com uma capa de fantasia.

NÃO SERÁ POSTO Á VENDA.

Assim, os que tomarem uma assignatura d'A *Semana* por um anno, e somente esses, terão direito a um exemplar d'essa obra, que, a ser vendida não o seria por menos de 3\$000, o volume.

AURORAS, versos, por Alfredo de Souza; encaenação de luxo.

O HOLOCAUSTO, romance de Pedro Americo de Figueiredo.

MARGARITAS, poesias da distincta poetisa D. Adelina Amella Lopes Vieira; um bello volume.

Aos senhores assignantes de seis mezes daremos como premio QUATRO POEMAS, por Luiz Murat, um exemplar das AURORAS, brochado, ou TYPOS EM PROSA E VERSO, de A. Lopes Cardoso.

N. B.— Os senhores que assignaram A *Semana* por um anno, a terminar em Dezembro de 1885, receberão, segundo promettêmos, um exemplar dos VINTE CONTOS.

Leiam-se em outro logar desta folha as «Vantagens dos assignantes d'A *Semana*.»

O Sr. Leonel Guerra é a única pessoa por nós encarregada de agenciar assignaturas nas provincias.

Tem todos os poderes para representar esta folha.

O indice e frontispicio d'A SEMANA pertencentes ao anno passado, e por nós promettidos, não foram ainda distribuidos aos Srs. assignantes não só por causa das difficuldades inherentes a esse trabalho, como por outras que sempre apparecem em começo de anno. Mas com o proximo numero nos desobrigaremos d'esse compromisso, pois que já estão a imprimir-se os referidos— indice e frontispicio.

Acha-se muito adeantada a impressão do livro de Valentim Magalhães— Vinte Contos—destinado por esta folha a ser offerecido como premio a todos os seus assignantes de anno, quer de 1885, quer d'este anno.

Partiu no dia 26 do corrente, para S. Paulo, onde vae a negocios e donde deve regressar brevemente o nosso excellentissimo collaborador Sr. José Felipe Pestana.

Este cavalheiro presta-se a, durante a sua viagem, angariar assignaturas para A *Semana* e vae por nós authorisado a tratar de tudo que tenha relação com esta empreza.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Semana bacchica, de cabo a rabo; semana boa para ser historizada por Noé ou Falstaff, pelo *Mal das Vinhas* ou por qualquer dos famosos adeptos do latino conceito—*In vino veritas*.

Governo, imprensa e população não trouxeram, durante a semana, no pensamento e na bocca senão—vinho; involuntario mas estrondoso preito ao viteconado Lieu.

Nas secretarias de Estado e nas tavernas, nos dourados salões fidalgos como nas espeluncas sordidas, todas as conversações foram abeberar-se no mythologico, no fabuloso licor, a que o Christo deu a honra de chamar—seu sangue.

O assumpto subio á cabeça de todos, conturbando vistas e espiritos; embriagou de entusiasmo as pennas dos jornalistas e a loquella d'esses jornaes vivos que, nas charutarias, nos bondes e nas calçadas tudo commentam e condimentam.

E, porfim, a questão dos vinhos embebedou inteiramente a cidade.

D'ahi, naturalmente, ninguem vê claro, e não haver quem a si proprio se entenda.

O governo foi o primeiro a dar o má exemplo de se exaltar, demittindo, em massa, a Junta de Hygiene, no momento em que ella mais se empenhava por levar a cabo a caridosa obra de limpar a cidade d'essa horrifica e velha praga de vinhos sem uva; na occasião mesma em os representantes de uma das mais importantes fabricas de taes drogas protestavam contra a Junta, que lh'as queria analysar, acoimando os seus membros de suspeitos.

Máu momento era esse para medida tão grave e radical como a demissão desfechada. Mas a posição do Governo aggravou-se quando se reconheceu que os membros da nova Junta pensavam e queriam, acerca da vinhosa questão, exactamente o contrario da sua antecessora; pois esse facto confirmava com apparencias de verdade os displicentes boatos assoglhados acerca das intenções do Sr. ministro do imperio,

Ao passo que o demittido Dr. Freire bradava guerra mortal, sem tréguas nem compaixão a todos os vinhos que só de nome são, o Sr. barão de Ibituruna, presidente da nova Junta, pensa que não se pôde condemnar absolutamente e desde já o commercio dos vinhos artificiaes que não contiuerem substâncias nocivas á saúde, e que, a ser insufficiente a produção dos paizes vinhateiros para o provimento das necessidades de todos os povos— e S. Ex. julgou-a insufficiente— não é inconveniente que se permitta a fabricação de vinhos artificiaes.

Nestas condições e proceder do zeloso e illustrado ministro, que tanto tem trabalhado em bem da saúde publica, não fica infelizmente a coberto de algumas censuras. S. Ex. porém, já ordenou a analyse dos vinhos artificiaes nas amostras apprehendidas, e estamos certos de que ha de dirigir e resolver a grave e embrulhadissima questão com o critério e o patriotismo que tem sabido imprimir em seus actos anteriores.

Quanto á nossa opinião sobre ella, resumimol-a nas palavras com que a *Gazeta de Noticias* synthetizou a sua, no ultimo dos sensatos e energicos artigos que sobre o assumpto deu á estampa. Este modo de julgar a questão é um meio termo prudente, precavido e energico, sem violencia, de que todos auferirão proveitos.

Diz a *Gazeta*:

« Vigias na cidade as fabricas de vinhos e as casas que os vendem a retalho; analysados na alfandega os vinhos estrangeiros, sendo absolutamente prohibida a entrada aos que contiuerem substancias nocivas, e fortemente taxados os artificiaes que se pretendem importar; teremos como primeiro resultado a diminuição de importação de vinhos maus.

« Teremos então no mercado unicamente vinhos naturaes, bons, puros, o que não quer dizer que sejam todos caros; e teremos vinhos artificiaes, sem substancias nocivas e com procedencia declarada, e mais a produção, que já vaee tendo desenvolvimento, do vinho de uva nacional.

« Posto o commercio nestas condições, vendendo gêneros de procedencia e qualidade conhecidas, a produção do vinho nacional de uva agmentará, augmentará a importação de vinhos bons estrangeiros, e as fabricas de vinhos artificiaes, que a nova Junta entende que não devem ser prohibidas desde já, ficarão vencidas pela concurrencia, salvo se lutarem ainda no unico terreno em que a luta é licita:—no do preço.»

Oxalá que nestas idéas se inspire o honrado ministro do imperio.

Não podemos dar parabens ao Sr. desembargador chefe de policia pela idéa de mandar ás emprezas theatraes dar começo aos seus espectaculos ás 8 horas da noite.

Fora melhor ter deixado a dormir no esquecimento e na poeirada dos archivos o tal artigo de caduco regulamento que tal disparate prescreve. Aquella ordem, alem de violenta, é insensata, e—o que é um pouco peor—inutil.

E' violenta porque não é a policia que sabe qual a hora em que mais convenha ao publico ir ao theatro, mas o proprio publico. Elle que tem ido sempre ás 8 e meia, que nunca protestou contra essa hora, é porque gosta d'ella, porque a julga conveniente e commoda. Em que perturba ou affecta esta hora a tranquillidade publica? Com que direito e porque principio de or-

dem publica impõe a policia aos emprezarios que deem começo aos espectaculos ás 8 horas?

Seria comprehensivel que ella lhes impuzesse uma hora—a meia noite— para terminar as representações, (note-se que apenas dissimos— *comprehensivel*) mas que comecem ás 8 horas—é medida absurdamente despotica.

E' insensata porque, alem do mais, neste tempo calmoso em que anoitece depois das sete horas, é quasi impossivel vir tão cedo para o theatro.

E é, finalmente, inutil porque os emprezarios encontram meio de burlal-a inteiramente fazendo preencher o tempo das oito ás oito e meia horas com a representação de qualquer comedieta banal, um *lever de rideau* impletivo, ou prolongando desmesuradamente a *ouverture*, que é ás vezes uma interminavel quadrilha a *ouverture* do Tanhauser ou qualquer coisa longa como um discurso do Instituto Historico.

Por esta forma o publico, sabendo que a peça annunciada só começará a ser representada ás oito e meia horas, somente a essa hora chegará ao theatro.

E a tal ordem da policia ficará reduzida a qualquer coisa muito parecida com—coisa nenhuma.

Bem feito!

Honra aos briçosos e dignos estudantes da Escola Polythecnica que dirigiram á *Gazeta de Noticias* a carta em que pedem o auxilio da imprensa para que seja erigido a Jozé Bonifacio de Andrada e Silva, um mausoléu no cemiterio de S. Vicente, em Santos, removendo-se os seus venerandos despojos da modestissima sepultura que lhe foi dada na igreja do Carmo pela piedosa mão obscura do gymnasta brasileiro Antonio Carlos do Carmo.

E' vergonhosissimo para todos nós, sem exceptuarmos o Imperador, esse ingrato e doloroso abandono, em que ha tantos annos, desde 1869, foram deixados os restos mortaes do patriarcha a quem, no entanto, prestou-se a homenagem vaidosa do bronze.

Uma estatua no largo de S. Francisco de Paula e os ossos em abandono, em Santos!

Patria, ó boa mãe, é assim que pagas as tuas dividas!

E' essa a tua justica para com aquelles quem já não precisos senão para alimento da tua vaidade!

Se não fora o humilde patriotismo de um pobre aerobata, nem mais saberias hoje do paradeiro dos ossos d'aquelle filho que tanto te servio e cuja memoria tanto te honra, ó Patria!

« S. M. o Imperador—escreveram os referidos moços—achou em José Bonifacio um segundo pae.

Entretanto, o Imperador não se lembrou ainda do feretro coberto de pó da igreja do Carmo.»

Dispensam commentarios estas eloquentissimas palavras.

Honra aos distinctos rapazes Alexandre Góes, Bento de Queiroz o Roberto Lutz.

Gratidão, respeito e sympathia á memoria de Antonio Carlos do Carmo.

E agora, tu ó Patria, vé se ainda é preciso que algum dos mais humildes de teus fillos venha concluir a lição começada por aquelle, ensinando-te a cumprir, tardiamente embora, o mais sagrado dos teus deveres.

VALENTIM MAGALHÃES.

## O nosso primeiro anniversario

« A SEMANA »

Este interessante periodico, unico litterario que se publica na Corte, habilmente redigido pelos distinctos jornalistas Srs. Dr. Valentim Magalhães e Filinto d'Almeida, acaba de entrar no segundo anno de sua publicação.

Nós, os mais humildes collegas, menos competentes, porém admiradores da *Semana*, cordialmente a felicitamos pelo seu brilhante successo.

(Do Rio Branco, de Pirassununga.)

« A SEMANA »

Esta magnifica revista litteraria, que se publica na Corte sob a direcção do distinguido escriptor Dr. Valentim Magalhães, completou no dia 3 do corrente o primeiro anniversario do seu tirocinio jornalístico. Para uma folha litteraria um anno representa já uma grande somma de esforços e sacrificios, porque o gosto abastardado do nosso povo prefere á litteratura sadia e robusta a litteratura anemica e chilra, que anda por alti a arruinar os espiritos e o bom senso.

E' verdade que ainda nenhum jornal soube como *A Semana*, reunir tão brilhante e activo corpo de collaboração, e sustentar com tanta galhardia aquella *verve* scintillante que é o mais poderoso antidoto que conhecemos contra a hypochondria. Bem merece por isso todo o auxilio dos que ainda se interessão pelo engrandecimento intellectual d'este paiz.

Felicitando a gentil collega, fazemos votos para que conte largos annos de existencia e um grande numero de assignantes, em que não entre a terrivel classe dos assignantes... honorarios.

(Da *Gazeta da Comarca*, de S. Fidelis.)

A SEMANA »

Com o numero 53, que acabamos de ler, encetou *A Semana* o seu segundo anno de existencia, promettedora e futura, tendo vencido essa formidavel aversão, ou, para melhor nos exprimir, esse incalculavel horror á litteratura, o qual é em nosso paiz doença a que poucos espiritos escapam.

Felizmente para as lettras patrias, conseguiu, *A Semana* fazer o escabroso caminho de um anno; e agora tão cheia de vida e convicta da sua força apresenta-se, que nos vem dizendo: «Será difficil prejudicar-nos d'ora avante.»

Felicitando ao seu digno director e proprietario, Dr. Valentim Magalhães, fazemos votos para que a sua magnifica revista litteraria continue por longos annos a prestar os serviços que já a fizeram credora para com a litteratura e a arte nacionaes.

(Do *Jornal de Noticias*, da Bahia.)

## BOLOS

Já agora dirigir-me-ei ainda ao barbeiro de C. de L..

A' vista da attitudo verdadeiramente desgraçada que o famigerado inofineiro chronico do *Jornal* assumio nas respostas aos meus artigos, eu nem precisava

de occupar-me ainda com elle; mas como encarreguei o barbeiro de lhe contar o que lhe havia de responder pela *Semana* de hoje — sempre escreverei alguma coisa.

Figaro illustre. Lastimo a tua sorte, honrado barbeiro! Deves estar profundamente envergonhado do teu freguez, que em tão má hora te arrancou á doce penumbra do teu officio para te fazer representar o triste papel de *gato morto*.

Mes é bem feito que soffras o vexame de te ver escorrido pelos bicos da suja penna do teu freguez. Tu tens tido muitas vezes em tuas mãos a vassoura que lhe serve de *cavaignac* e tens commettido a imprudencia de lh'a deixar molcume no mento.

Toda a raiva e toda a peçonha que elle estilla no *Microcosmo* procede d'aquelle *cavaignac* quasi incrível. Se tu lh'o honvesses aparado nos veriamos o homem, de então por deante, macio como um velludo. Não é por mim que eu falo; não.

Eu sempre o achei muito insignificante e muito pulha; mas todos me diziam que elle era o terror dos plunivistas incipientes e mesmo dos jornalistas consumados e provecos; isto levou-me a não lhe perdoar nenhuma ousadia e a rebater-lhe sempre, com uma certa vehemencia, os desaforos semanaes. Mas o parvoeirão tem tanto de insolente como de covarde: recuava sempre, accossado, e ia ganhar para a casota a dor da pancadaria.

Commigo assim tem acontecido, mas aos outros sempre elle mostrava os colmilhos, rosnando.

Ultimamente, porém, tantas canellas assultou, que estas, revoltadas, resolveram tocar-lhe a pelle um Zé l'ereira infernal. Lá fui tambem com a minha vaqueta rufar-lhe uma variação em *si-bi-duro*. Recalcitron, é verdade que recalcitron, mas foi aquella lastima que tu viste.

Figaro da miudatuna! Tenho-me escangalhado de riso.

Já agora não levarei para a covil nem sombra de melancholia. Afinal, os *Lacts* são necessarios á vida, pelo menos tanto como os drasticos.

Sem estes enxovados, sem os macacos e sem as pantomimas este mundo seria de uma insipidez mortal. Eu não sou muito dado ás tristezas, confesso, mas vendo deante mim um sujeito annunciado a esganicar-se improbamente em guinchos de raiva, fico alegre como um canario ao sol, e não ha riso que me baste. Agora não necessito de mais desopilantes. Por muito que viva, quando a molestia de algum possivel bisnetto me entristecer, bastar-me-á alongar os olhos para este passado patusco, e logo a ridente alegria virá redoirm-me em luz a massa das derradeiras sombras.

E não é para menos, o meu caso. Armado da verdade e abroquellado pela justiça, eu disse aquella parodia de homem, a C. de L., que elle era um escriptor covarde e que, dada certa circumstancia, era um jornalista sem dignidade.

C. de L. vasculhou com o *cavaignac* o meu passallo e foi encontrar-me, ha oito annos, caixeiro de uma papelaria; foi a unica vergonha que me encontrou, e teve o despejo de a vir assoalhar ao mundo pasmo.

E' verdade que, em lugar de caixeiro, eu poderia ter sido — gatuno, por exemplo, — ha muita gente honrada que já o foi — mas enfim, fui caixeiro e tive de aturar a affronta de C. de L.

Se algum dia eu tornar a occupar-me em profissão tão aviltante, pedirei ao patrao que guarde segredo, senão o L. é capaz de se ir empenhar com a policia para o fim de me obrigar a assignar

termo de bem viver. Patusco L.! paudogo C!

Depois da resposta que por teu intermedio, o Figaro, lhe dei pela *Gazeta* de 27, appareceu outra vez o homunculo pelo *Jornal* com dez linhas dirigidas ao Sr. Dr. Luiz Delfino, em cuja casa até hoje não entrei ainda. Mas esta segunda resposta é um mixtiorio por tal maneira guizado, que não ha meio de achar quem o comprehenda. Hei de remettel-o a uma assembléa da praça do Mercado, a ver se apparece quem o decifre. Pode muito bem ser que haja ali dentro grandes coisas; a questáo é encontrar-se um hortaliçeiro que lhe applique a hermeneutica á gerungona.

Eu é que me não quero dar a esse trabalho.

Mesmo porque tenho interesse em não lhe bulir mais. Se eu lhe fizer uma *péga de cara*, elle é capaz de vir logo lambem-me as mãos — e eu quero sahir d'este mundo sem a baba dos seus elogios...

Porque o patife, quando lhe doe o lombo, começa a incensar a gente, e isso é que é uma espiga de todos os demonios! No tempo do *Corsario* o maior vilipendio que podia cahir sobre um homem era ser elogiado por elle; agora acontece o mesmo com o C. de L.

Olha, meu Figaro, vou mostrarte-mais um traço do character e da consciencia jornalística do teu freguez: Lembra-te que elle, no ultimo *microcosmo* falou contra a «*villissima legião do anonymo*»? Pois bem, este que assim fala da tal legião, tem sido na imprensa sempre e exclusivamente um anonymo. O proprio folhetim em que vem a phrase está assignado apenas — C. de L., iniciaes que tanto podem significar Carlos de Laet, como cara de lapuz, como character de lama.

Isto parece-me significativo.

Mas como já deves estar cansado, além de muito aborrecido com esta questáo, eu vou-te dar o ultimo conselho:

Podes fazer uma troca com o teu freguez — tu vaes escrever as chronicas semanaes do *Jornal* e elle vae para a tua loja rasoírar os queixos do paiz.

Com a troca tem tudo a lucrar tanto a imprensa como as barbas nacionaes.

Adeus, mestre, obrigado e desculpa esta estopada ao teu admirador

FILINTO D'ALMEIDA.

## TAÇA DE VINHO

*Tu tens a luz do sol nesses teus othos, filha;*

*Tens o aroma da flór*

*Na tua bocca; em tu'alma, onde uma estrella brilha,*

*Esse perfume — o amor.*

*Perfume, que a razão allucina e embriaga,*

*Vinho de entontecer;*

*Quem me dera afogar-me inteiro nessa vaga,*

*— Vaga que ao céu vae ter.*

*Teu beijo ardente, filha, aos meus labios trazido*

*Nessas noites sem calma,*

*Como um passaro no ar pelos ventos batido,*

*Pois-me dentro d'alma.*

*Deus poz em teu othor a mais bella das noites!*

*Como a luz nelle brilha!*

*Se tu foges porque nao tens onde te abrites,*

*Olha o meu peito, filha,*

*Faze d'elle o teu ninho, um ninho de esperanza*

*E de fé e de paz.*

*E dorme e sonha ahí e sem temor descança,*

*Sem remorsos, sem ais.*

*Que a dor não arrebate aos meus labios sequosos,*

*Os teus beijos, que acendem*

*N'alma sonhos crueis, desejos mysteriosos,*

*Loucuras que me prendem*

*Amoramento e ao prazer—inferno em céu profundo*

*Ardendo sem cessar;*

*Mas que é a luz que nasce, o arrebol de outro mundo,*

*A vaga de outro mar.*

*Oleito que te espera é mais alvo que o linho*

*E um novo aroma echala.*

*E' uma taça o teu corpo e está cheia de vinho...*

*Eu preciso esgotal-a.*

LUIZ MURAT

## INVECTIVAS

EXCERPTO DE UM LIVRO INEDITO

(A Valentim Magalhães)

O HOMEM

Esconde-te para sempre meu passado! Para que has de vir escaldar-me a fronte com a terna lembrança de um tempo que não volta?! Para que trazer-me á memoria os bellos dias da minha meninice, os alegres sorrisos francos do meu tempo de creança?

O PRESENTE

A recordação dos teus dias de ventura constitue um momento de felicidade na tua vida. Ojeias o passado? Se, no teu labutar incessante a imagem do que foste se reflete na tua intelligencia como o sol sobre as aguas limpidas do oceano, para que ter asco ao que se perdeu para sempre na bruma dos tempos? Sabes tu, por acaso, o que é o passado? Pergunta-o á Historia, a depositaria fiel do que fizeram os que te antecederam. Acaso valerá mais a tua infancia do que tudo o que o passado te legou?

O HOMEM

Envelheceu-me a luta constante com o Trabalho; as gerações que findaram — umas corruptas, outras vis —, obliteraram-me o ser. O meu corpo fragil soffre as consequencias dos erros dos meus avos.

Eu sou uma entidade bem mesquinha! Corpo coberto de chagas comprehendendo que a impureza do meu sangue faz de mim a mais abjecta e repugnante das materias!...

O PRESENTE

Tu definhas sob a pressáo dos teus proprios vicios; a tua ruina nasce da tua propria fraqueza. As gerações tem-se succedido e tu tens sido sempre o mesmo Homem. O luxo, a vaidade e a crapula não são só do dominio do passado. Hoje mais do que nunca se desenvolvem nas modernas Babilonias, á picua luz da Civilisação, essas chagas que te corroem os membros.

## A HISTORIA

Eu sou a alma do passado; tu, oh Homem, és o symbolo da injustiça. A quem deves tu as conquistas da sciencia, os melhores modelos d'arte, os bellos monumentos que te extasiam? Tudo revive nesses bellos attestados que as minhas paginas descrevem e que tu não queres ler. A' minha sombra repousam os enormes vultos que te ensinaram a conhecer as constellações, a comprehender a grandeza da enorme curva azulada que se estende sobre a tua cabeça; eu guardo em letras de fogo as palavras scintillantes de Cicero e Mirabeau; possuo as lyras de Homero e Virgilio; desenrolo deante de teus olhos a vida das nacionalidades; transmitti-te epopéas. Don-te nas palavras de Christo a idéa grandiosa do Passado que invectivas; transmitti-te em caracteres de ouro a palavra — Liberdade!

## O HOMEM

Sim! Tu ensinaste-me que Heráclito ha já bastantes seculos chorava as vicissitudes das cousas do mundo; as leis que me transmittiste parecem as de Draco, escriptas com sangue; infundiste-me tambem a duvida de Pyrrho e viciaste-me com a torpe severidade de Zolito.

A Liberdade! Essa conquistou-a a Consciencia Humana, mais forte ha um seculo do que hoje; conquistou-a para uma parte da humanidade porque a outra ainda jaz obscurecida e escravidada. Caberá por ventura ao Presente a responsabilidade d'essa mancha que enodóa algumas das tuas paginas?

## A HISTORIA

Queixa-te da tua propria ambição. Christo já havia dito á humanidade que todos eram iguaes quando os pulsos de teus irmãos foram algemados. Lava com a esponja da redempção a nodoa que tanto te acabrunha. Quando tiveres feito isso, o Futuro te fará justiça e as gerações que te succederem, ao contrario do que tu fazes agora, bendirão o nome dos seus antepassados.

## J. FELIPPE PESTANA.

## A VIDA ELEGANTE

Os salões do Congresso Brasileiro illuminaram-se no sabbado á noite, abriram-se de par em par as suas portas, e as mais elegantes e formosas *demoiselles* da nossa sociedade lá estiveram scintillando, como num céu esplendoroso intinidade de fulgidas estrellas.

Era de ver-se aquelle vasto e sumptuoso paraíso, repleto de luzes e de olhares que a gente encontrava a cada momento, a reflectir-se nelles — espelhos negros e azues! Inolvidaveis, — todos aquelles seres celestiaes que arrastavam sedas e valsavam e polkavam inquietos, sorridentes!

E, além de tudo isso, um concerto, composto das melhores peças, veio augmentar o eucantamento d'este vosso criado. Exunas leitoras, e obrigo-o a dar que fazer ás mãos, applaudindo os seus executantes, que foram: as Eximas. Sras. DD. Maria Corrêa de Azevedo, Rosina e Elvira Schroeder dos Santos, Amelia Favares, Alexandrina e Gui-

hermina Philipps e os Srs. Angelo Marenja, João Xavier e L. Rossi.

O Congresso Brasileiro não poupa esforços para que as suas festas deixem sempre saudosas recordações a todos os seus convidados, que, decerto, devem estar anciosos pela proxima reunião.

Parabéns á directoria do Congresso Brasileiro.

## CLUB ATHLETICO FLUMINENSE

Esta sociedade, uma das mais elegantes e das mais uteis que possuímos, teve a boa lembrança de transferir a hora das suas corridas que dantes eram ao meio dia e que são agora de tarde e á noite. Effectivamente era uma barbaridade sugerir crianças ao medonho calor do sol do meio dia, um calor de assar chapéus, e era quasi um martyrio para os espectadores o assistir ás corridas.

Agora sim, passa-se no recinto do Club Athletico um boa noite, de uma frescura relativa, vendo-se correr os socios e as crianças e assistindo-se aos trabalhos de gymnastica.

A ultima festa d'esta distincta sociedade, foi magnifica, sendo a melhor parte e a mais animada a distribuição dos premios á criança. A concurrencia foi regular e a directoria, como sempre, portou-se com a maior gentileza para com os convidados. Felicítamol-a.

## LORGNON.

## FLORES DE JAVA

Amor... não sei se amou ou se toucou,  
Esse poder, então, que desconheço,  
Prende-me a vida á tua vida escura,  
E a ti, a ti somente hoje apettoço.

As delicias cruéis com que padeço,  
O soffrimento atroz d'esta ventura,  
A duvida em que vivo e desfalleço,  
Todo este goso e toda esta amargura

Leubram-me as bellas e terriveis flores!  
Fascinantes e toxicas, de Java,  
De tenra polpa e aroma delicado.

Bem vés: a minha vida é tua escrava;  
Envenuem-me embora os teus amores:  
Quero d'elles morrer envenenado!

## O CAIPORA

Foi meu contemporaneo, na academia, um originalissimo rapaz de quem se não de recordar ainda todos os que o conheceram.

Era um d'esses typos academicos, que fazem epocha cujos feitos e nomes atravessam diversas gerações de estudantes, lembrados sempre e sempre applaudidos.

A vida accidentada, cheia de peripecias infelizes, que o destino lhe preparara fel-o ser appellido — o Caipora.

Por outro nome, que não esse appellido, ninguém, á excepção dos amigos, o conhecia. O Caipora, porem, não

havia em todo S. Paulo academico, bicho\*, cascabulho, e futrica, que deixasse de o conhecer e... temer.

Temer, sim, que por todos era elle temido, por causa das suas diabruras e farçadas ou mais brásileiramente falando: por causa das suas molecagens!

A fama d'elle era tal e tamanha! que só lhe polera resistir a de um actual grave dezembargador ou ministro do Supremo Tribunal de Justiça. Essa não se eclipsara á luz do novo sol.

O nosso ministro fora o predecessor do Caipora. E ainda hoje ha de em S. Paulo ser narrada, como faço agora, a raiva, que ao frenetico boticario Rosa causara a descoberta de estranha raiz, que o meritissimo juiz achara e levava ao exame do pharmaceutico paulistano, apesar de prevenidissimo este contra as gaiatices do implacavel estudante.

Tivera o peralta a pachorra de seccar a ponto de dar-lhe rigidez quasi granitica um phenomenal fructo *das suas entranhas* e privar-o de tudo, que pudesse denunciar-lhe a origem: forma, cor e principalmente aquillo que o faria facilmente conhecido, mesmo de um cégo.

O boticario, empenhado em manter bem alto os seus creditos de botanico (do que muito se presumia) entrou no estudo e indagação do objecto apresentado, com a gravidade do sabio.

Torcendo os labios, agitando a cabeça para um e outro lado, a proporção que aceitava ou repelia esta ou aquella hypothese, o Rosa olhou a principio attentamente para a raiz, á sombra, á media luz, á luz mais viva da porta! Apalpou, cheirou: nada; tirou com esforço um frangimento, olhou-o, cheirou a parte quebrada; nada. Triturou boa porção da raiz entre os dedos, reduzio-a a pó, de novo cheirou-a, encostando as ventas á palma da mão, onde se achava o curioso deposito; o mesmo resultado: nada! Por fim estendeu a lingua para fora e com a ponta recolheu boa quantidade da substancia moída, provou-a, dissolvendo-a na bocca, lambegou os beiços, franziu o sobr'olho, e com o ar concertado do erudito e sabio abstractação disse aos circumstantes e ao apresentador da raiz, que, sisudo, esperava o resultado do exame:

— Isto é... *aquillo*.

— E, adivinhou; respondeu o garoto com a mesma gravidade.

A raiz voou do balcão á cara do fruguz, mas este já estava longe.

Esta e outras eguaes do nosso dezembargador serviam de confronto ás do Caipora. Mas d'este é que tratamos e não d'aquelle, que ainda está vivo e que talvez queira repudiar o seu passado e dar nos alguma bordoadada coim a sua vara de juiz.

Os gaiatos não gostam de graças consigo!

O Caipora era assim. E na palavra do seu appellido via sempre insulto. Subia á serra com qualquer brincadeira e era de extrema susceptibilidade!

Ainda me lembro que passando em companhia d'elle pela ponte do Piques, de um sobrado uma senhora, mostrando-o a um cavalheiro com quem se achava á janella, disse — tão baixo que eu mesmo não ouvi — aquelle é o Caipora.

Ai! Deus do Céu! O homem invadio a casa e quiz levar tudo a cacete. E eu tolamente o acompanhei.

Disse ha pouco que foi sempre encaiporada a sua vida. Não o podia ter sido mais!

Muito criança ficou orfão de pae, que legou á vinva mais dividas do que bens.

\* Designações academicas de estudantes de preparatorios, collegial interno e gente alheia á vida de estudantes.

A fatalidade da morte do pai, sendo uma das maiores desgraças para o Caipora, foi de todas a que menos magua lhe causou; nenhuma outra a não ser a estranheza, que causa a uma criança de dois annos a ausencia paterna.

Correram os tempos e com elles foi-se manifestando a triste sina do Caipora.

O padraсто (Teve-o tambem: segundo caiporismo), homem distinctissimo, mas de character severo, quiz fazel-o padre. Padre! elle que daria um soberbo D. Juan! Depois veremos.

O seminario recebeu o menino, mas em pouco tempo, o diabinho foi transformando as aulas e dormitorios d'aquella santa casa em palco grego, digno das comedias de Aristophanes. Se o demonio era a alegria dos *farmigões*, era o terror dos padres-mestres!

O Seminario não pôde aturar aquella droga e a cuspiu para o mundo.

O padraсто, como é de presumir, cerrou-lhe as cordas da bolsa (novo caiporismo) e vio-se o Caipora em papos de aranha.

A sua aptidão para a musica era notavel. No seminario aprendera o canto-chão e um boçadinho de órgão, o que lhe foi um salvaterio.

A musica nunca lhe levava caiporismo, e d'ella serviu-se como meio de vida ensinando-a em collegios, depois da crueldade dos padres e do rigor do padraсто. E se em vez do *missal* e das *Ordenações*, elle tivesse estudado musica talvez não morresse com o appellido de — Caipora.

S. Paulo, porém, attrahia-o como cobra á rã, e um bello dia, auxilliado por alguem, tomou uma passagem para Santos, subio o Cubatão e entrou na Paulicéa.

A alegria e animo brincalhão, com que a natureza o dotara, e que fizeram de sua vida um tecido de dores, tornaram-no logo popular entre os *veteranos*.

A moradia e a subsistencia foi-lhe facil e nos seus oito ou nove annos de S. Paulo residio em umas dez ou doze *repúblicas*, desrespeitando a constituição de todas ellas.

As *lava-leiras*, os *futricas*, os *caloiros* os *vinagres* votavam-lhe odio mortal, mas concentrado, mudo pelo temor das satyras e caçoadas.

Pela rua do Meio passava elle todos os dias, e assim que apontava em um dos extremos, as janellas povoavam-se de mulheres, (detestaveis rameiras) que trovejavam improperios de todo genero a que elle respondia com gestos e dictos, que as enfureciam ainda mais e obrigavam-nas a bater-lhe á cara as portas e janellas.

*Amolava* os *canivetes* (cavallos magros de aluguel) do Capitão, a quem não pagava e quando sobrava-lhe tempo prateava moedas de cobre com aço de espelho e engendrava meios de piratear á noite nos mares lodosos da prostituição paulistana, dando caça ás *barcas*.

Quando o pirata de amor referia as suas caças, usava sempre de tecnologia nautica. E era um gosto ouvi-lo, á nos que eramos rapazes: ora bolinava, ora corria a todo panno, mudando frequentemente de bandeira (borla postica ou outro disfarce.)

A consequencia d'essa vida irregular foi um rheumatismo, que o punha em tormentos e com o qual *caceteava* os companheiros de casa.

Tempo houve de moderação em seu viver e este tempo foi consagrado á composição de um romance.

O romance era um bacamarte, que assustava aos que viam o grosso manuscrito e um *cacete* formidavel, com que foi a minha paciencia posta á prova.

Não era com certeza uma obra de arte; nem quanto á invenção, nem quanto ao estylo.

O auctor achava-lhe, porém, especial sabor e ha emphaticamente paginas e paginas, enternecendo-se com certos episodios, enquanto a leitura de outros faz-o rir a bandeiras despregadas.

De um me recorde eu que era para elle o melhor, o mais picaresco.

Descrevia uma caravana de estuantes descendo a serra do Cubatão. Um dos cavalleiros calhe do animal, que passarinha:— *Levanta-te, filho de Ulysses!* grita outro. Isto, que não tem graça alguma, excitava-lhe riso suffocante.

A biographia do Caipora encheria volumes; o nosso fim, porém, não é escrevel-a, mas simplesmente narrar um facto, que se deu com elle e um padre, seu communicante e tambem outro caipora.

Eis o facto. Bem poucos setão os que não tenham assistido a festas no campo. Mesmo os senhores da Corte que as não tiveram visto poderão fazer d'ellas idéa aproximada pelas romarias da Penha e Copacabana.

Uma pequena igreja, muita gente agglomerada, muita barraca, muito foguete e muita cachaça.

Pois bem. Assim eram as festas que se faziam em Jacarahy, pauperrima freguezia de Mangaratiba.

Um anno após a criação da freguezia a festa foi maior do que todas as anteriormente feitas e não so o povo do lugar, como muita gente de outras freguezias e do proximo municipio de Angra dos Reis, gente que muito gosta de festas de igreja, accedeu ao convite do padre Reis e de um negociante italiano, cidadão naturalizado e grande politico.

A casa do negociante mal chegava para a familia, que era numerosissima e as duas ou tres outras casas da freguezia estavam atopetadas.

O pavilão ergueu barracas feitas de ramos e nellas se accommodou. Uma grande multidão, porém, que não tinha barracas, acampou na propria igreja. Tomou conta da nave, foi-se espichando pelos degraus do altar-mor, coro, corredores, sacristia e sem grande respeito ás sagradas imagens, começou cochilando e acabou dormindo, acalentada pelo monotonio ruído de uma chuva que *peneirava*.

O padre caaiporado e o Caipora deitaram-se na sacristia, ao lado um do outro, e ferraram no sonno.

A luz da alampada allumiava um grande Christo crucificado, que dominava o altar, e por baixo d'este, occulto apenas por uma cortina roxa, estava um *Senhor Morto*.

O padre, homem gordo, pardo, de boas guelias e melhores ventas, com o estomago carregado de leitões, perús e grandissima dose de vinho da venda do italiano. — mais agoa de cappeche, apesar de *primeira*, do que vinho — lá pela uma hora da noite começou a soprar na cara do Caipora. Do sopro passou ao assobio, d'este ao ronco e por fim em um sonho poz-se a entoar o *canto-chão*.

O Caipora, apesar do seu sonno pesado, começou a mecher-se até que encostou o ouvido na bocca do padre cantor, no momento em que elle soltava uma das mais fortes notas.

O som da voz e a coega, produzida pelo ar expirado acordaram ao Caipora que estremunhado, abriu os olhos, e estranhou o padre, o lugar e a imagem, que á luz baça e vacillante da alampada pareceu-lhe descer da cruz.

Ergueu-se, sentando-se na esteira e ardeou com o rumor e o brusco movimento do padre, que arregalou os olhos vermellos, abrindo muito a bocca sem o menor lembrança d'aquelle estranho

companheiro que fez-lhe por sua vez a mesmissima careta: — arregalar os olhos e abrir a bocca!

Essas caretas eram effeitos do pavor, que lhes supprimira a voz.

Dominados por panico ergueu-se ao mesmo tempo! *Toutos* pelo somno chocam-se, agarram-se e cahem ambos, arrebatando com a quebra a cortina do *Senhor Morto*. Encaram-no e nelle viram um assassinado!...

E o Senhor crucificado a dançar na cruz!...

Tal era o terror que não adquiriram a voz e com as gargantas presas dispararam em longa corrida, perseguindo-se quando ambos instinctivamente desejavam evitar-se, fugindo!

No primeiro arranco da carreira, não distinguiram, nem podiam distinguir, tal foi o impeto, o corredor, e foram de encontro á parede. Caubaleiram... aguentaram-se nas pernas... encaram-se horrorisados... e dispararam de novo para o corpo da igreja, fugindo-se e julgando-se perseguidos.

A igreja estava cheia, não havia um ponto desoccupado. E logo que os *assombrosos* transpozeram a porta tropeçaram e cahiram sobre os que dormiam.

Ergueram-se estes espantados tambem e agora... já não eram dois..., eram seis phantasmas, que despertaram e assombravam outros seis, e atraz desses... outros, mais outros; até que todos gritam... horrorisados... loucos... delirantes empurravam-se, esmurravam-se rodopiavam em uma polka infernal!

Dir-se-hia a companhia toda dos demonios em revolta contra Deus, assí tando-lhe a morada!

As portas deram por fim sabida a grande numero de espantados e so no campo da igreja, refrescadas as cabeças pela chuva, é que poderam comprehender o que era e o que tinha havido.

Para omittos tar le veio á calma.

O Padre tinha as ventas em um sero estado e o Caipora o nariz torto!

Dizem que o caiporismo é semelhante ao *tamanduá*: quando agarra num pe'ro diabo não o larga senão com muita dificuldade, ou nunca o deixa!

Assim aconteceu ao Caipora, que mesmo depois de morto, não deixou de sel-o.

Falleceu moço; aos trinta annos; longe dos seus e em terra estranha... em uma fazenda.

O cadaver devia ser transportado para a villa... e... fazia um tempo medonho.

Quatro escravos receberam ordem para o desempenho da penosa missao. Cumpriram-na! Ao transportar um rio, a torrente arrebatou o cadaver!

Piedoso dever, mais que a obediencia humana, transformou os quatro escravos em quatro heroes!

Salvaram o cadaver!

Parecia sorrir.

Seria de gratidão para com os seus salvadores; ou de escarneo para o mundo?

Não sei, mas aposto, que o Caipora ao transportar os penetracs da morada de Deus; pois que elle foi sempre generoso e bom, havia de fazer cocegas na calva de S. Pedro e dirigir uma pilheria a S. Paulo...

GALPI.

## SPORT

Ante numerosa concurrencia realizaram-se no ultimo domingo as corridas do *Hippodromo Guanabara*.

Os animaes menos favoritos foram os vencedores e d'ahi as pontes geralmente altas em quasi todos os parcos.

No 1º pareo *Didi* em pouco tempo tomou a ponta e manteve-se até o final de 850 metros, mostrando a sua velocidade ser maior que a de *Barbara*.

No 2º pareo *Dinorah* pregou uma furiosa peça em seus admiradores, visto que desgarron dando livre passagem a *Aurora*. Gustavo aproveitou-se perfeitamente da ocasião e tocando *Aurora* conseguiu fazel-a ganhar a corrida, sendo o tiro 1000 metros.

No 3º pareo *Jaguary* fez triste figura com seu novo jorkey. *Neva* apesar de montada por Alfredo Poon não pôde mostrar as suas habilidades: de sorte que a victoria de *Saphira* foi facil, apesar de haver maior numero de palpites do lado de *Neva*.

No 4º pareo *Africa*, com a qual muito poucos contavam, tomou a ponta e bateu *Regalia*, *Guanaco* e *Bruid*.

No 5º pareo *Bella Aliança* fez uma bonita corrida em 1000 metros e ainda uma vez ficou em evidencia a grande habilidade do jovem Gustavo, que soube aproveitar a favoravel sahida que lhe deram.

No ultimo pareo, *Savana* e *Eucharis* fizeram ambas muito boa corrida e se ganhou *Savana* acreditamos que foi isso devido a grande differença de peso; na verdade *Eucharis* levava uns 10 kilos mais do que a sua competidora.

A 27 do corrente effectou-se a Assembléa Geral da sociedade *Jockey-Club* para proceder-se á votação do conselho administrativo e do conselho fiscal da mesma sociedade.

Fazemos votos para que o *Jockey-Club* continue a sua vida de glórias.

A 7 de Fevereiro o Prado Villa Isabel deve effectuar a sua primeira corrida d'este anno.

L. M. BASTOS-

## DEPOIS DE VEL-A

Depois que a vi jamais pnte esquecer-a !  
Esquecel-a, jamais! Dandido rosto,  
Tal como o seu, acaso hei de o desgosto  
Ter de olvidar por não sentil-a ou vel-a?

Embora occulte myvem, que o sol posto  
Deixou no céu a perpassar, a estrella,  
-- A Venus por exemplo --, hei de perdê-la  
Da mente, que a des'ja, á qual imposto

Foi pela Natureza o bello extremo?  
— Peze-me embora á mão o tosco reno  
D'este barco da vida perigoso :

Uubram-me cans o dorso recurvado ;  
Hei-de lembrar-te sempre, archanjo amado,  
Dês que te vi, ditoso ou desditoso :

Janeiro, 1896

ARTHUR MENDES.

## THEATROS

O *Sant'Anna* já fez quasi que o bi-centenario dos *Sinos de Corneville*, uma das operetas que maior successo tem alcançado no Rio de Janeiro; e quasi que toda a população d'esta cidade conhece a suavissima musica de Planquette tem assistido ao esmerado desempenho que dá Guilherme de Aguiar ao importante papel de velho Gaspar.

Assisti no sabbado á primeira representação dos *Sinos de Corneville*, no *Principe Imperial*, pela companhia Souza Bastos.

No papel de Gaspar, Machado fez-se applaudir.

Fez bem o Souza Bastos levando os *Sinos de Corneville* e a actriz Pepa encarregando-se do papel de Rosalina, com que decerto ha-de o publico regalar-se durante muitas noites, não poupano applausos á distincta actriz.

O Corréi deu-nos um Marquez bastante supportavel; Orlin, estreando no papel de Germana, desempenhou-o acriticavelmente, e, apenas o tenor Moulin, creio que devido ainda a estar convallescente de grave enfermidade, não conseguiu agradar.

Córos, muito afinados, o r e h e s t r a, briosa e boa; *mise en scène* decente.

Asseguramos ao *Sinos* do Souza Bastos numerosos repiques... na bilheteria.

## AS VISINHAS

Em beneficio do actor Maia subio á scena do Recreio, no dia 22, a comedia em 3 actos, de H. Raymond e J. de Gastine — *As Vizinhas*, muito bem traduzida pelo jovem escriptor Figueiredo Coimbra.

Esta comedia é do repertorio do Palais Royal, de Pariz, e do genero creado por Hannequin. Dicto isto quasi que está dicto tudo. Antes farea do que comedia, ninguém deve nas *Vizinhas* procurar verosimilhança, nem estudo de caracteres, nem logica de accão. Entrecho absurdo, situações forçadas, typos burlescos, *charge*; eis tudo.

Todo o merito d'estas peças está na graça das situações, nos qui-pro-quós, e nos dictos picantes. D'isto *As Vizinhas* têm á farta. O publico ri-se com os disparates, e ri-se a valer, porque o riso lhe é arrancado á força, com a maior violencia e o maior atrevimento. E' o que os auctores querem; conseguem-no: — prompto.

Do desempenho apenas podemos destacar o actor Maggioli, que deu uma bella feição comica ao seu papel e o conduziu com graça e naturalidade, tanto quanto a comedia permite.

O beneficiado não foi feliz nem na interpretação nem no desempenho do seu typo. O mesmo se pode dizer dos seus collegas, se exceptuarmos a Sra. Balbina, que teve algumas scenas felizes, principalmente uma entrada no terceiro acto. O Sr. Marques caracterisou-se muito bem.

A peça está muito bem montada e os scenarios são novos e muito bons. Deve, portanto, continuar a agradar como na primeira noite. E' o que desejamos á empreza e ao talentoso traductor.

A empreza da *Phenix Dramatica* levou quarta-feira a sempre applaudida comedia de Franca Junior *Como se fazia um deputado*, secundando-a com a espi-rituosa comedia em 1 acto *As campanhas*.

Tudo isso, já se sabe, a preços módicos...

Souza Bastos prepara para estrêa no Principe Imperial das actrices Estephania e F. Salles e dos actores Montedonio e Portugal a conherilha e apparatusa magica *As tres rocas de crystal*.

A empreza do *Sant'Anna* parece que encontreu n' *A Mulher-Homen* uma nova California. Conta as enchentes pelos espectaculos.

Vae ensaiar *A toulinegra do templo*, opera comica traduzida pelo Garrido e *A Princesa Theodora*, libretto de Arthur Azevedo, musica do Dr. Milanez.

Hontem o Braga Junior deu-nos, no *Lucinda a premiere d'O Bilontra*, revista de Arthur Azevedo e Moreira Sampaio.

No proximo numero daremos a nossa opinião sobre esta peça, tão ansiosamente esperada. Por ora podemos somente dizer que ha alguns trechos de musica muito agradaveis, que as scenographias são boas, destacando-se, por serem magnificas e de grande effeito, as que representam o salão do palacio dos theatros, o incendio do Monte-Pio e a sala do S. Pedro de Alcantara.

Entê sabbado, seu Bilontra. †

P. TALMA.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### O REBELDE

A ARTHUR DE OLIVEIRA

E' n' u lobo do mar; umu espeluca  
Mora, á beira do oceano, em rocha alpestre.  
Ira-se a onda, e, qual tigre sylvestre,  
De mortos vegetaes a praia juca.

E elle, alhando, como um velho mestre,  
O revoltoso que não dorme nunca,  
Recurva o dedo, como garra adunca,  
Sobre o cachimbo—nuico amor terrestre

Entã assoma-lhe um sorriso amargo...  
E' um rebelde tambem, — cerebro largo,  
Que odeia os reis e os padres excommunga.

A' noite dôrme sem rezar. Que importa?  
Enorme cão feroz guarda-lhe a porta;  
—O velho mar soturno que resmunga.

LUCIO DE MENDONÇA

1878.

## FACTOS E NOTICIAS

Os leitores devem estar lembrados de uma questão de *casamento tumultuario* que muito se debateu na imprensa, o anno passado. Essa questão acaba de ser resolvida na Relação d'esta Corte, que mandou ao juiz da 1ª vara de orphãos que, reformando o seu despacho, dê-se licença para o casamento da orphan. Não podia ser outra por parte do collendo tribunal a solução d'aquella desagradavel questão.

Em Nova Friburgo effectou-se no sabbado o consorcio do distincto lente da Escola Polytechnica, Dr. Arthur Getulio das Neves, com sua prima, a Exma. Sra. D. Maria Sophia das Neves. No hotel Salusse foi offerecida, como prova de sympathia ao joven par, uma esplendida *sopée*.

Sob a denominação *Externato Bithen-court da Silva* fundaram os illustrados srs. L. M. de Souza Raposo e H. Vieira de Castro um estabelecimento de ensino primario e complementar; compõe-se de varios cursos, e entre elles salientam-se os de preparo para as escolas superiores e para o commercio.

O corpo docente, composto de cavalleiros ha muito conhecidos no magisterio, sufficiente garantia para aquelles que desejarem illustrar-se.

Recomendamos o *Externato Bithen-court da Silva* como digno do apreço publico.

## RECEITAS CULINARIAS

Cabrion, o nosso *Trompette*, enviou-nos a receita de um prato *inedicto*, puramente de sua invenção, que teve a gentileza de baptisar com o nome da revista de 1885, actualmente em scena no Sant'Anna, e ao qual, prato, auguramos successo igual, pois deve ser delicioso.

Recomendamos-o com grande empenho ás leitoras donas de casa. Façam-no, que aos encantos de uma tal petisqueira não haverá *papí* nem maridinho que resista.

Tem a palavra *Cabrion*.

### MACARRÃO À (MULHER-HOMEM)

Antes de tudo, faça-se frigir em uma caçarola um pouco de cebola cortada miúdo, quando ella apresentar uma cor de ouro junte-se-lhe uma boa porção de tomates. Faça-se frigir, á parte, um bom pedaço de *filet*, e, depois de prompto, metta-se-o no molho de tomates, com o qual se deixará coser durante cerca de uma hora, juntando-se-lhe um pouco de caldo de cosido.

Pouco antes da hora do jantar, faz-se cozer o macarrão em caldo de cosido, escorre-se-o, juntando-se-lhe, ainda quente, uma porção de manteiga. Depois toma-se um prato de tamanho conveniente e arruma-se a petisqueira por esta forma: — primeiro, uma camada de queijo Gruyère (suíço) bem ralado, depois uma camada de macarrão, em cima uma porção de molho de tomates, por sobre esta uma camada de fatias de *filet*, mais outra camada de queijo, outra de macarrão, mais molho de tomates etc., mas de modo a que a camada superior seja de macarrão.

Modo de servir-o: Corta-se o « macarrão à *Mulher-Homem* » verticalmente, alim de que a todos os convivas caiba egual quinhão de macarrão, queijo, *filet*, etc.

Este prato de macarrão, sem offensa ao italiano, não causa dyspepsias. Ao contrario: facilita a digestão não só d'elle proprio como dos outros pratos.

CABRION,

## TRATOS Á BOLA

Decifraram as *tratices* ultimas os Srs. *Fricinal Vassico, Penedo, Gayo, O Paiz, Odiro, Boccacio e Alberto Azamor.*

Eis as decifrações:

Das perguntas: — *Dezato, Amora e Arava*; da antiga — *Belladona*; da em quadro — *Asar, sara, aras e rasa*; da tibureiana — *Perolu* e da microscopica — *Autoridade*.

Podem *O Paiz* e o Sr. *Odiro* vir receber os seus premios que, como disse *Frei Antonio*, são duas bellas conzinhas.

E já que fallamos em *Frei Antonio* temos a dizer aos nossos queridos *traticistas* que o bom do frade partio para o Tanguá com o unico fim de revigorar-se, pois no pouco tempo que aqui esteve enfraqueceu-se tanto, tão anemico ficou que andava a sonhar com caboclos, caçiques, tupinambás e com o diabo. Um horror!

Á vista d'esta ausencia resolvemos dar férias aos nossos *traticistas* até á vinda que será proxima, do impagavel, do reverendo, do immerso, do glorioso, do beneditino *Frei Antonio*.

L.

## RECEBEMOS

— *O Domingo*, ns. 18 e 19 Este excellenté periodico litterario melhora de numero em numero. O n. 18, que temos á vista, traz um energico e bem lançado artigo de Jorge Rodrigues sobre as eleições, alguns conto-bem escriptos, um gracioso soneto de R. Corrêa, um artigo de polêmica litteraria, sensato e cortez, uma longa e bonita poesia de J. Rodrigues, que infelizmente tem este verso errado: « que em live, sim, confesso, tive cames d'ella »

— O n. 19 tambem é muito interessante. Cada vez melhor — *O Domingo*. Continue, collega, que sempre o acompanharão os nossos applausos.

— Da casa David Corazi, por intermedio do Sr. José de Mello:

— *Buffon*, obra illustrada com 9 gravuras, pertencente á colecção « Biographias de homens celebres dos tempos antigos e modernos »;

— *Historia de Gil Braz de Santilhana*, fasciculo n. 20.

— Dos S. Henri Nicoud & C. *Revue politique et litteraire*, n. 26, ultimo do 5º anno. Recomendamos mais uma vez ao publico esta magnifica publicação e a casa *Au Petit Journal* onde se tomam assignaturas d'aquella como de todas as revistas e jornaes francezes.

— « Thèse de concurso á cadeira de portuguez do 2º ao 5º anno do Externato do Imperial Collegio de Pedro II », apresentado por Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro Junior. Um folheto de 65 paginas, edictado pela casa Garnier. O nome de seu auctor é a sua melhor recommendação.

— Prospecto do *Cosmos Litteraire*, que, como nos diz o seu redactor — Sr. Drammor, deve ser um apanhado internacional de fragmentos poeticos em traducções e imitações. A primeira série do *Cosmos* será composta de poesia: brazileiras, diversos trabalhos de Goethe, Schiller, Uhland, Skakspeare, etc., etc.

Que appareça muito breve. Havemos de recebê-lo com todas as honras.

— *Calungazinho*, n. 1. Como orgão do novo club *Terpsychore* é bem bom.

— O operoso e distincto republicano Sr. Anísio Fialho remetteu-nos os seguintes livros devidos á sua infantiga el pena: — *O Libello do povo por Timandré, A conferencia dos divinos, Um terço de seculo e o Processo da monarchia brazileira*. Todas estas obras fazem parte da *Colecção Fialho*. Vamos lê-las.

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Portuguez, franceze e Inglez — Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

Dr. Henrique de Sa, especialista de syphilis e molestias das crianças. — Rua Primeiro de Marco, 22 (consultas do meio-dia ás 2 horas) — Residencia: Rua de S. Clemente, 165 A.

Dr. Cyro de Azevedo, Advogado. Das 10 ás 4 horas. — Beco das Cancellas n. 2.

## QUEM QUER RIR-SE?

COMPREM O

## BIBLIHOTEIRO FAMILIAR

DE

A. NAVIER DE ASSIS

Á venda em todas as livrarias a 1\$000

## CHRONICA FRANCO-BRAZILEIRA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL  
EM PARIZ

REDACTOR—CHIEFE: Lopes Trovão.  
ADMINISTRADOR: F. Castelli.

ASSIGNATURAS PARA O BRAZIL

Um anno. 10\$000  
Seis mezes 6\$000

Tomam-se assignaturas e annuncios no escriptorio d'A SEMANA.

## TYPOGRAPHIA

A typographia d'A SEMANA, ultimamente montada, dispondo de uma boa escolha de typo inteiramente novo, accita quaesquer encomendas de obras, poesias, annuncios, etc. etc.

### PREÇOS BARATISSIMOS

TRATA-SE NO ESCRIPTORIO DA EMPREZA

36 Travessa do Ouvidor 36

Esquina da rua do Ouvidor

## JUVENATO OURO-FINENSE

INSTRUÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA

NA

Provincia de Minas

A CINCOENTA E QUATRO KILOMETROS DA PENHA DE MOGY-MIRIM, DE S. PAULO

Ensino pratico das linguas, intuitivo das sciencias.

Preparo das faculdades pelas (Lições DE COUSAS).

Anno lectivo de 10 mezes.

A matricula em qualquer epoca; só é pagavel o tempo da frequencia de cada alumno.

O 2º anno lectivo começa a 3 de Novembro proximo.

Ouro-Fino, Minas, 19 de Outubro de 1885.

O DIRECTOR.— Antonio Francisco Furtado de Mendonça Filho.

DR. ARAUJO FILHO  
MEDICO PARTEIRO

RESIDENCIA

Rua do Visconde do Rio Branco n. 36.

# CHRISTY'S? YES

Legítimos, modernos, muito leves, e qualidade superior, são os chapéus que recebeu a CAMISARIA AMERICANA, expostos por oito dias ao preço de 12\$000 cada um

## TITANIA

Guarda-chuva SUI GENERIS, um primor de elegancia que só a CAMISARIA AMERICANA sabe receber. Ora veja voce!

**115 RUA DO OUVIDOR 115**

Externato Bethencourt da Silva

DIRIGIDO POR  
**LUIZ M. DE SOUZA RAPOSO**

E  
**H. VIEIRA DE CASTRO**

Cursos diurnos de preparatorios;  
cursos nocturnos especialmente para o  
commercio.  
Preparação para exames na Instruc-  
ção Publica.

**RUA D'AJUDA N. 27**

### OBRA S

à venda no escriptorio desta  
folha:

DE VALENTIM MAGALHÃES

**QUADROS E CONTOS**  
por 2\$000.

**COLOMBO E NENÊ**

poemeto, 1\$000.

DO MESMO E FILINTO D'ALMEIDA:

**O GRAN GALEOTO**

tradução do drama de Echegaray, 1\$000.

DE ALFREDO DE SOUZA

**AURORAS**

versos, 2\$000.

DE L. MURAT:

**QUATRO POEMAS**

versos, 1\$500.

DE AMERICO LOBO:

**EVANGELINA**

tradução do poemeto de Longfellow,  
2\$000.

DE PEDRO AMERICO

**○ Holocausto**

romance, 2\$500

IMPERIAL  FABRICA

DE

**CERVEJA**

E

**AGUAS MINERAES**

DE

**AUG. KREMER & C.**

Membros da Academia manufactu-  
reira de Pariz e premiados pela mesma  
com a medalha de prata. Premiados  
com a medalha de prata na Exposição  
Agricola, com a medalha de bronze na  
Continental de Buenos-Ayres, com o  
diploma de merito na Industrial de  
1881 e com o diploma de progresso na  
Sciencia de 1884.

### Juiz de Fora

TEM SEMPRE

**GRANDE SORTIMENTO**

DE

**CERVEJA**

**DUPLA, BRANCA, PRETA**

Igualada á ingleza

I E

**MARCA BARBANTE**

QUE VENDEM POR

**ATACADO E A VAREJO**

**LIMONADAS GAZOZAS**

**AGUA DE SELTERS**

EM BOTIJAS

**VINHO DO PORTO**

**BORDEAUX**

**COGNAC, LARANGINHAK, RONENCENCIA**

Vermouth, Genebra, Bitter  
e Kummel.

Vendem todos os artigos concernentes  
a fabrica de cerveja

SEU UNICO DEPOSITARIO NA CORTE

**JOÃO BOTELHO**

**Rua de S. Francisco de Assis n. 52**

(Antiga da Carioca)

**MOLESTIAS DA PELLE E SYPHILIS**

ESPECIALISTA

**DR. SILVA ARAUJO**

**RUA DA URUGUAYANA. 57**

de 12 ás 3 horas da tarde

**DR. GONZAGA FILHO**

CONSULTORIO E RESIDENCIA

**Rua Visconde de Inhaúma, 61**

CONSULTAS DE 12 ÁS 3 DA TARDE

*Especialidades:*

Febres em geral, molestias pulmonares  
e do coração.

**COLLEGIO INTERNACIONAL**

DIRIGIDO POR

**E. GAMBÁRO**

**PALACETE DO CURVELLO**

**Santa Theresa**

Pode ser visitado a qualquer  
hora. Estatutos em todas as livra-  
rias e na estação do Plano Incli-  
nado.

**O COLLEGIO PUJOL**

**ESTAÇÃO DOS MENDES**

(E. F. D. PEDRO II)

reabre-se a 10 de Janeiro de 1886, en-  
trando no 17º anno de sua existencia.

Curso completo de preparatorios e  
especial de noções de sciencias physi-  
cas e naturaes.

Nota - Não admitte alumnos maio-  
ros de 15 annos.

Os estatutos encontram-se na livraria  
Faro & Nunes e no escriptorio desta  
folha.